

Fabrizio Mandreoli

Liberi ¹: NOTAS SOBRE A POSSÍVEL SUPERAÇÃO/SUPERAÇÃO DA CRISE

Proponho uma pequena reflexão sobre o possível significado de crise e a sua passagem, consciente de que existem muitas crises a nível pessoal, comunitário e colectivo. Refiro-me imediatamente a um belo discurso do Papa Francisco - de 21 de Dezembro de 2020 - sobre o significado bíblico e o significado espiritual da crise, no qual ele descreve a crise como um acontecimento que mais cedo ou mais tarde afecta todos, indivíduos, comunidades e instituições. Para o Papa Francisco, é um momento delicado, de extrema vulnerabilidade, mas também de possível evolução, de abertura, de maturação de facto: "Deus continua a fazer crescer entre nós as sementes do seu Reino".¹

Por isso, pensei muito na forma de apresentar este breve discurso, que gostaria de ser directo, vivo voçe, e não abstracto. Creio que todo o discurso nasce, em última análise, da experiência, porque cada experiência profunda nos toca, nos muda, nos influencia de alguma forma. Nos últimos anos, tenho feito muito do meu trabalho como professor - e também como teólogo - na prisão. Por isso, gostaria de falar aqui convosco e convosco, ciganos e não ciganos, deste lugar, para mim, tão difícil e tão querido.

Penso que poderia ser útil acompanhar o trabalho e a experiência com aulas e grupos de reclusos na prisão da minha cidade, não tanto por ser uma experiência exemplar, mas porque penso que é importante reflectir aqui sobre a crise e como ultrapassá-la com um terreno concreto sobre o qual construir. Se alguém estiver interessado, também recomendo um documentário - *Dustur*, que significa Constituição em árabe - feito por um amigo sobre o tipo de trabalho que é feito na prisão.

A partir destas experiências, identifiquei, de uma forma muito geral, alguns passos que acredito que podem ser aplicados a diferentes esferas pessoais e comunitárias, eclesiais e sociais. Assim, dividi a reflexão em várias etapas, mais uma conclusão de fundo, sabendo que "a vida é superior à ideia" e que estas são apenas vias de investigação, sem qualquer pretensão de ordem ou exaustividade, mas com o desejo de abrir reflexões e comparações. Para activar a conversa comum, tomo a liberdade de introduzir cada passo com breves citações, a maioria das quais provenientes de uma mulher judia - perseguida, encarcerada e depois assassinada - nos anos 40 (Etty Hillesum), de acrescentar alguns textos como notas de rodapé e, finalmente, de concluir cada passo com uma pergunta, que espero que seja útil.

"Senhor, cada um de nós está numa das tuas fronteiras [...] tínhamos pensado que todos os países estavam marcados nos mapas e que as linhas negras que indicam os caminhos-de-ferro e os navios eram suficientes para passar de um para outro. Vivendo entre os homens, aprendemos o contrário. Se há mapas extensos, deveria haver mapas espessos" (M. Delbrél, Missionnaires sans bateau - por ocasião da partida dos missionários do porto de Le Havre 1943

O ponto de partida

Começo a reflectir - no início - descrevendo o tipo de trabalho que estamos a fazer com um grupo de jovens investigadores, homens e mulheres, em turmas do ensino secundário numa grande prisão no norte de Itália. Estas são classes de reclusos: há reclusos de alta segurança, ou seja, pessoas ligadas a algum tipo de máfia, classes de reclusos de segurança média com muitas infracções diferentes em termos de severidade e duração da pena (há, por exemplo, muito jovens que já cumprem penas de prisão perpétua), uma classe de reclusos protegidos, ou seja, os os detidos acusados de crimes sexuais contra mulheres e crianças Uma classe muito amigável e animada de mulheres de uma vasta gama de origens culturais e linguísticas.

1 nome é - também - o de um pequeno projecto com um canal de rádio - e vídeo - para a cidade e a prisão no seu centro, que começou nos dias dos violentos motins da Primavera de 2020 dentro de várias prisões: <https://www.youtube.com/channel/UCZR4JXNnQa4zkbkhpL2JycTQ>

2 https://www.vatican.va/content/francesco/fr/speeches/2020/december/documents/papa-francesco_20201221_curia-romana.html

O que é que fazemos? Nestas aulas, como parte do nosso ensino escolar, lemos textos clássicos (Antígona, a Ilíada, a Odisseia, algumas fábulas de Luis Sepulveda, alguns livros da Bíblia - tais como Jonas - com também versos corânicos para comentar, vários poemas) tentando compreender estes textos juntamente com questões "filosóficas" sobre a vida, escolhas, justiça e injustiça. Em suma, estamos à procura de perguntas e respostas para nos ajudar a ler a crise pessoal e colectiva que as pessoas da classe estão a atravessar, esperando tirar desta leitura algumas chaves para ler as nossas crises colectivas. É de facto - para usar as palavras de Paulo Freire - um trabalho 'com': reflectimos com estudantes e jovens - estudantes e investigadores - numa estranha, mas muitas vezes extremamente viva, comunidade de investigação, questionadora e por vezes dramática. Parece-nos que tal trabalho é muito rico porque se situa numa fronteira social (os que estão dentro e os que estão fora) mas sobretudo porque se situa em muitas fronteiras da vida humana (entre desespero e esperança, entre violência e paz, entre injustiça radical e restauração da justiça, entre solidão gigantesca e a busca de apoio humano, entre humilhação e dignidade). Talvez - mas isto é apenas uma hipótese - para tentar compreender cada crise, deve-se tentar observá-la e compreendê-la a partir de uma zona de "fronteira", a partir de uma certa "margem".³

Qual é o meu/nosso contexto? Quais são os limites sobre os quais somos colocados?0

"Não deveria a mente continuar a trabalhar e ser criativa mesmo quando o corpo está doente? E o amor e a hineinhorchen [escutar dentro], outros, o contexto desta vida, e você. Hineinhorchen, eu gostaria de encontrar uma boa tradução neerlandesa desta palavra. Basicamente, a minha vida é uma escuta ininterrupta de mim mesmo, dos outros, de Deus [...]. A parte mais essencial e profunda de mim a ouvir a parte mais essencial e profunda do outro" (E. Hillesum, 17 de Setembro de 1942

Tentar compreender o que se está a passar

Um segundo passo no nosso trabalho é a leitura conjunta dos textos. Os textos - como a realidade - precisam de tempo para serem compreendidos, para compreender quem são as personagens, o seu carácter, a sua forma de comportamento. Além disso, é muito importante que haja tempo para compreender as palavras utilizadas: muitas delas não são italianas, há muitos eslavos, muitos árabes e africanos, muitos sul-americanos, pelo que as palavras italianas soam difíceis e têm significados diferentes. Depois há a necessidade de compreender o que se passa, porque é que as personagens se comportam de uma certa forma, quais são os muitos sentimentos em jogo nas histórias e que sentimentos a história evoca nas nossas pequenas salas de aula (por vezes com os gritos e ruídos da prisão como pano de fundo). Deve também ser salientado que para todos aqueles que visitam as nossas oficinas, existe uma forte diferença entre as secções masculina e feminina, as perguntas e respostas são diferentes, a forma de sentir é mais rica, o contacto com os sentimentos mais directo, a emoção e as lágrimas - em comparação com a dureza ostensiva dos contextos masculinos - mais imediata: a leitura - e a realidade - é portanto profundamente diferente para os homens e para as mulheres. A observação parece trivial, mas sabemos que não é: o ponto de vista masculino aparece pelo que é, um ponto de vista parcial. Portanto, a leitura em conjunto leva muito tempo, e penso que é a operação que qualquer relação com a realidade requer, ou seja, procurar as pequenas pistas e sinais que ajudam a decifrar o que está a acontecer na história, na realidade e em mim.

Como é que trabalhamos para tentar compreender o que está a acontecer? Quais são os sinais que nos interpelam hoje?

"Há uma diferença entre endurecido e temperado. É frequentemente esquecida hoje em dia. (E. Hillesum, 28 de Julho de 1942, 20.30 p.m.)."

³ J.M. BERGOGLIO, *Criteria for apostolic action*, in Id. *Pastorale sociale*, (ed.) M. GALLO, Jaca Book, Milão 2015, 63: "Uma obra perde o seu vigor apostólico quando não consegue virar-se apostolicamente para a fronteira e, conseqüentemente, quando não sabe reunir em si mesma os problemas e as pessoas que fazem parte dessa fronteira".

A procura de palavras

Uma terceira etapa pode ser descrita por um poema de um querido amigo - que encerro como uma nota de rodapé ⁴- cujo refrão é "Estou à procura das palavras". Este é o trabalho que fazemos juntos para "dar voz", para encontrar as palavras certas para descrever o que está a acontecer na história, mas muitas vezes esta busca acaba por contar - por vezes com grande raiva, por vezes com sabedoria e desejo de redenção, por vezes com resignação derrotada - a situação das pessoas da classe. Por exemplo, a viagem de Ulisses torna-se uma metáfora da viagem para a prisão e a espiral infernal da justiça. A distância de Ítaca é interpretada como um símbolo do arrefecimento - dramático para muitos - das relações com as suas esposas e filhos, que ocorre após longos anos de prisão e contacto escasso (há algumas semanas, uma mulher da Nigéria disse-nos que durante anos - antes dos telemóveis - para dar notícias à sua mãe, que não tinha telefone fixo na aldeia, gravava longas cassetes áudio com as suas próprias notícias, que depois enviava para África). As ligações de Ulisses com outras mulheres foram uma oportunidade para falar de traições por parte das suas companheiras. Para muitos, ao ouvir a história do regresso de Odisseu a Ítaca, não se trata apenas de ir para casa (devido aos longos anos passados na prisão), mas também de questões como: quem serei eu para os meus filhos? O que irei encontrar? Como vai ser a minha relação com o meu parceiro após dez, vinte, trinta anos?

Esta é a fase em que procuramos juntos as palavras certas para descrever o que está a acontecer. É uma fase complexa, que por vezes desafia o desespero e o cinismo, porque dentro muitas vezes - mas também fora - parece que "todas as palavras estão esgotadas/ cansadas/ fracas" (Qo 1:8). Por vezes é necessário passar por esta fase onde cada palavra parece vazia, sem valor, a fim de encontrar palavras que façam sentido. Se conseguirmos ultrapassar esta barreira de "é inútil", "é tudo o mesmo", "é lixo", abre-se-nos uma nova tarefa.

⁴"Os pombos de passagem estão a procurar alimentos
entre as folhas de Janeiro
o robin consternado
invoca a neve perdida
o pica-pau e o gaio
cuidado com as árvores a pilhar
a mulher de cabelo encaracolado no banco
procura significado
ao romance que ela está a ler
o velhote chama
o cão que escapou

Eu procuro por palavras

para contar a devastação
de rostos e nomes
de gestos e desejos
de esboços e sonhos
como no céu, como na terra

Procuro palavras

Para os remover
da luz corrosiva
e embrulhá-los
no tecido do silêncio
e depositá-los
no santuário da lentidão
e no santuário da caverna do tempo
onde a bacia de prata

a água fóssil
da terra de origem" (M. Mattarelli, *Almeno la notte*, Bolonha 2016).

De facto, a nível pessoal, cada pessoa está empenhada na procura das palavras certas, para encontrar uma interpretação que faça sentido para a sua história de vida. Ao nível do trabalho em conjunto, é uma questão de ajudar uns aos outros a encontrar palavras adequadas que não sejam apenas uma explosão de dor, desconforto e raiva [o que por vezes é o caso], mas que sejam uma expressão de uma espécie de dor sustentada, que não sejam palavras fechadas, palavras túmulos com as quais se sente enterrada a própria vida, mas palavras abertas. Neste trabalho tem-se frequentemente a impressão de que existe uma diferença, durante os longos anos passados na prisão, entre endurecimento e entorpecimento, por um lado, e endurecimento e maturação, por outro. É um trabalho difícil e delicado, no qual, apesar de vários erros e tensões, tentamos encontrar palavras que nos ajudem a não parar, a avançar em direcção à luz numa situação frequentemente sombria

Que palavras procuramos? Quais são as realidades mais indecifráveis para nós?

"Há em mim um silêncio profundo. Tantas palavras apressam-se, cansam-se porque não conseguem exprimir nada. Cada vez mais se deve poupar as palavras inúteis para encontrar as poucas palavras necessárias" (E. Hillesum 25 de Julho de 1942)

Palavra e silêncio

Um quarto passo pode provavelmente ser encontrado na procura não só de palavras, mas também de silêncio. Refiro-me a duas coisas aqui. Um espaço colectivo onde possamos ler, raciocinar e reflectir juntos, protegidos, pelo menos um pouco, da violência, tensão e barulho da prisão. Uma carta do Verão passado - de um jovem preso acusado de um caso complexo relacionado com a máfia - dizia: "Foi um prazer conhecê-lo, mas sobretudo partilhar as nossas emoções após a leitura dos textos, e acredite-me, em alguns contextos a mente torna-se novamente livre durante algumas horas, e para todos nós, isso faz muito. Este trabalho parece ajudar as pessoas a encontrar um pouco de espaço interior - e colectivo - para resolver as coisas e para as partilhar. Acredito que é este lugar - o coração do qual as Escrituras falam frequentemente - onde as coisas que acontecem são acarinhadas, comparadas e avaliadas a fim de tentar dar-lhes sentido.⁵ Na prisão, isto é feito com grande delicadeza e cuidado, porque muitas vezes, para os prisioneiros - mas talvez não só para eles - a intimidade é habitada por uma tremenda dor e fadiga, pela raiva e violência sofridas e sobre as quais se actua, pela recente e velha melancolia. O coração é um lugar delicado, pelo que devemos ter cuidado ao convidar as pessoas a regressar a si próprias e a dialogar consigo próprias; ao mesmo tempo, parece-nos ser um passo essencial para fazer uma viagem e talvez encontrar recursos interiores. Um antigo poeta - e uma poetisa recente - fala de uma espécie de fonte no coração, uma frescura no centro do peito que tem de ser desenterrada de certa forma.⁶

⁵Lc 2,19: "Maria guardava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração.

⁶ "Há dois tipos de inteligência: uma adquirida quando o estudante aprende factos e conceitos de cor dos livros e do que o professor diz, acumulação de informação proveniente das ciências tradicionais e o novo. É com esta inteligência que emerge para o mundo coloca-se à frente ou atrás dos outros de acordo com a sua capacidade de memorizar informação, com esta inteligência passa por os campos do conhecimento, marcando cada vez mais

como no seu caderno de notas.

Existe outro tipo de caderno de notas

a que já está completa e que guarda dentro de si

Muitas vezes os próprios prisioneiros procuram este lugar, dedicando espaço - especialmente à noite e à noite - à escrita, leitura e composição de poemas, escrevendo cartas muito longas, diários, desenhos e, muito frequentemente, escrevendo histórias sobre as suas vidas. Esta crise particular da vida dentro de uma prisão tem uma grande necessidade de interioridade, de um lugar onde o silêncio e a fala sejam preservados.

Que cultura de interioridade? Que tipo de espaço de discurso e de silêncio equilibrado? Que recursos pode tal espaço - de silêncio e de discurso preservado - proporcionar para reconhecer e ultrapassar as crises?

"O meu coração é uma fechadura que pára sempre um fluxo ininterrupto de dor" (E. Hillesum, 17 de Setembro de 1942)

Tentativas de responder ao fim do mundo

Uma quinta etapa, extremamente complexa, é o aparecimento progressivo e descontínuo de numerosos traumas em alguns dos estudantes em detenção. Traumas em que estiveram envolvidos e traumas em que foram ou são vítimas. Este é um assunto extremamente complexo e delicado que não podemos abordar aqui. Mas podemos dizer que, nas leituras comuns, emerge um certo número de questões, recordemos algumas delas: uma primeira questão diz respeito à relação com a própria família - quando há uma - com os filhos, os pais, os parceiros. Este é o tema do lar, do desejo de regressar, do desapego de um mundo amado. Num recente diálogo em sala de aula, um estudante prisioneiro - ainda muito sozinho e da fronteira Irão-Turquia - explicou que a sua relação com a sua mulher e filha jovem após vários anos na prisão era como vidro partido, difícil de reparar, arruinado para sempre. Penso que estamos a falar do coração partido de que se fala frequentemente nos salmos e nas escrituras.⁷ Um segundo tema que emerge frequentemente é o fim de um mundo, do seu próprio mundo. Muitas pessoas contam-nos nas nossas reuniões sobre os primeiros dias de prisão, quando vos parece que o mundo chegou ao fim - estou a pensar precisamente no sentido apocalíptico de que fala Mateus 24 - ou outros nos falam do dia da condenação, o dia em que ouviram a palavra "sentença de prisão perpétua" ou a descrição da sua pessoa como um "assassino", como um "criminoso perigoso". É de facto o fim de um mundo, do seu próprio mundo, que leva a uma grande desordem, ao tremor de muitas certezas, a um questionamento da "sensação de perda". Há alguns dias, um estudante disse que gostaria de conhecer Tiresias, o vidente cego, às vezes homem, às vezes mulher, que diz a verdade nas tragédias gregas e na Odisseia, a fim de poder responder à pergunta "quem sou eu? A crise implica sempre uma passagem por um certo "fim do mundo", uma redefinição de si próprio, que é de facto uma provação muito dura e desenraizada, dentro e fora da prisão. No nosso trabalho conjunto, procuramos, através da leitura e discussão dos textos em conjunto, falar sabendo que no fundo existem estes traumas, procurando assim um elemento de resposta. Foi recentemente publicado um belo estudo - *Holy Resilience. The Traumatic Origins of the Bible* ■ sobre o facto de, numa inspecção mais atenta, mesmo a Bíblia hebraica e cristã, em muitas partes, poder ser lida como escrita de uma série de respostas a traumas, culpa, o fim de um mundo. Um exemplo - e leitura recomendada - é a comovente história do rabino Kalonymus Shapira (Grodzisk 1889 - Trawniki concentration camp 1943), cujos discursos e curta biografia foram recentemente publicados. Ele foi rabino do gueto de Varsóvia durante os anos da ocupação nazi e da Solução Final. Os seus escritos - enterrados na altura do gueto e redescobertos no final da guerra - testemunham uma tentativa de sustentar a esperança e a fé dos judeus da sua comunidade numa situação sombria e infernal, questionando continuamente o significado do sofrimento e dos traumas que eles suportavam. Com uma fé muito forte e uma busca intensa nas Escrituras, falou de lágrimas humanas, das lágrimas de Deus, da ausência do Senhor e da presença oculta do Seu reino. ■

uma mola a transbordar a sua cama. Uma frescura no centro do seu peito. Esta outra inteligência

*não amarela, não estagna. É fluido,
e o seu movimento não é de fora para dentro
através dos canais de um conhecimento hidráulico.
Este segundo conhecimento é uma fonte*

que, de dentro, vai para fora" (Rumi citado em C. L. Candiani, Ma dove sono le parole?, Milão 2015, 14-15).

⁷ Cf. Sl 147:3: "Curai os corações aflitos [partidos] e ligai as suas feridas"

Talvez não só a Bíblia, mas também a sua interpretação seja frequentemente - também - uma tentativa de responder a traumas pessoais, colectivos e históricos.⁸

Quais são as crises - pessoais e colectivas - que representam o fim do nosso mundo? Como e onde podemos encontrar as respostas para as ultrapassar?

"Deve-se estar sempre pronto para rever a vida, para recomeçá-la noutra lugar" (E. Hillesum, 27 de Julho de 1942).

"Porque eu conheço os planos que tenho para vós, diz o Senhor, planos para a paz e não para o mal, para vos dar um futuro cheio de esperança" (Jer 29,11)

A oportunidade de repensar

Um sexto passo é algo insondável que por vezes aparece e se revela. Chamo-lhe questionamento, ou seja, quando acontece que, trabalhando juntos, vislumbramos - reconhecidamente através de caminhos muito longos e frequentemente cársicos - uma certa vontade de reconsiderar as nossas vidas. É um limiar que, quando atravessado, se torna perceptível, ou seja, quando as pessoas, por dentro, repensam as suas vidas e, através da raiva, negação, sentimentos infundáveis de culpa, repensam as suas vidas com um desejo de mudança. Parece-me que este modo se manifesta frequentemente numa mudança de uma ideia de destino - uma palavra que é central para muitas culturas religiosas e/ou míticas mediterrânicas - para uma ideia de responsabilidade pessoal. O que aconteceu, a crise que se está a passar, a crise que se provocou estão - agora, de certa forma - ligadas a escolhas. É um acontecimento muito delicado que tem a ver com o contacto consigo próprio, com os afectos que sustentam, com os caminhos intelectuais que alargam horizontes, com o exercício da leitura e do pensamento crítico, numa visão mais secular significa ser tocado por aquilo que nos toca de forma última - a preocupação última (P. Tillich) - numa visão mais secular significa ser tocado por aquilo que nos toca de forma última. Tillich) - numa visão cristã e religiosa pode ser descrita como a acção da graça, de uma "luz doce" (J.H. Newman), a graça de ser capaz de repensar a vida. Há alguns meses atrás, falando do encontro de Odisseu com - novamente - o vidente Tiresias, que é capaz de ver o futuro, perguntei a uma turma se algum deles queria saber o seu futuro com antecedência. Após um animado debate, um aluno em custódia, geralmente pouco falador, disse: "Não estou interessado em conhecer o futuro, mas gostaria de mudar algumas coisas do meu passado". Parece-me que este é um daqueles sinais de um movimento que indica um desejo de olhar para a própria vida, de ver o bem e a esperança nela contida. Ao decifrar estas passagens com estudantes, sou muitas vezes ajudado por uma compreensão do futuro encontrada em Arjun Appadurai - e também em Ivan Illich - no seu trabalho com os habitantes das favelas de Mumbai: existe uma forma de conceber o futuro que é a de prever, de calcular com base nas premissas actuais (e se for esse o caso para muitos, as esperanças são consideravelmente reduzidas), e existe uma forma de sentir e conceber o futuro que é a de possibilidade, de futuros possíveis (que abre novas e - pequenas - formas de esperança)⁹

Quais são as previsões para o nosso futuro? Onde/como devemos procurar os possíveis futuros?

"Quando virá o reino de Deus? Ele respondeu-lhes: "O Reino de Deus não vem de modo a atrair a atenção, e ninguém dirá: 'Aqui está' ou 'Aqui está'. Pois eis que o reino de Deus está entre vós" (Lc 17,21)

⁸ Cf. C. Chalier, Rabino no Gueto de Varsóvia, Paris 2011 e K. Shapira, Nuovi responsi di Torà dagli anni dell'ira, Giuntina, Firenze 2023.

⁹ Cf. "[...] é desanimador. E no entanto, mantenho que se não nos opusermos a tudo isto com uma alternativa forte e luminosa, com a qual possamos voltar a partir para um lugar completamente diferente, então estamos perdidos de uma vez por todas. Serei capaz de recuperar o acesso a esta nova fonte radiante" (E. Hillesum, 27 de Julho de 1942) e "Um dia alguém disse: terás sempre os pobres contigo; não te resignes ao pior, mas inventa, com atenção humana e dedicação, algo que te ajude a viver, a respirar, a ter esperança; para que possas olhar para ti sem medo, sem vergonha, sem amargura, mas com essa vontade de fazer o bem que é, em última análise, a expressão da única esperança que é resistente, convincente e corajosa" (P. Serrazanetti, Bolonha, 2003).

Um horizonte subjacente

Esta última afirmação sobre a existência de possibilidades futuras abre uma reflexão final. Embora a atividade se realize de forma secular e inter-religiosa, sem atitudes confessionais, a perspetiva subjacente a este trabalho é a de uma profunda ligação - ainda que oculta ou cárstica - entre o anúncio existencial e o anúncio do Evangelho. Esta perspetiva resume-se de forma sucinta e, creio, muito claramente numa nota do jovem Bergoglio comentando um texto - o relato de um sonho - do teólogo Romano Guardini: "Esta noite, quando o amanhecer estava a nascer, na hora habitual dos sonhos, comecei a fazê-lo. Não sei mais o que aconteceu naquele sonho, mas algo foi dito, e não sei se foi dito para mim ou sobre mim. E já foi dito que quando um homem nasce, ele recebe uma palavra e isso tem um significado muito importante: não é apenas uma habilidade ou uma habilidade, mas é uma palavra. Esta palavra é falada dentro de si mesma (Wesen), mas é uma senha (Passwort) para tudo o que acontece. É força e fraqueza. É uma comissão e uma doação. É uma segurança (proteção) e um risco. Tudo o que acontece ao longo dos anos é a tradução desta palavra, é o seu esclarecimento, é a sua realização. E tudo isto acontece para que aquele a quem esta palavra foi dita (cada homem recebe uma palavra) a compreenda e a viva. E talvez essa palavra seja a base (o apoio) do que o juiz lhe dirá um dia." Bergoglio comenta em suas notas de trabalho: "Aqui encontramos uma referência a uma nostalgia despertada pela primeira Palavra que foi dita (o que significa que foi anunciada). Temos, portanto, um querigma existencial anterior ao querigma evangélico e no qual o querigma evangélico está enraizado. . Como é esse querigma existencial? Esta palavra-querigma existencial é dada ao homem. A sua vida é uma aventura feita de encontros, perdas e reencontros com a própria vida. Os momentos em que se realiza uma espécie de "consonância" interior estão relacionados com o encontro, os que se relacionam com a "dissonância" são a busca e o não encontro. Também aqui temos uma base para a consolação teológica (exemplo de consonância) e para a desolação (dissonância). A palavra central é nostalgia. Portanto, esta palavra tem uma história: é histórica [...]. O mito que melhor representa o reencontro e o retorno é o de Ulisses: o nostos-algos neste contexto é claro. Toda a sua jornada é sobre não aceitar 'palavras' que não são palavras." Com esta última alusão a um diálogo profundo entre os fundamentos da vida e o Evangelho - entre as biografias e a ação oculta do Reino de Deus - Espero ter esclarecido, pelo menos um pouco, o significado do nosso trabalho. Também acredito que esse esforço conjunto de ler histórias importantes juntos, tentando trazer à tona as junções de nossas histórias - pessoas dentro e fora - é uma possível ajuda para encontrar novas perspetivas e possibilidades de passar por nossas vidas.

